

» Entrevista | **ALEXANDRE SILVEIRA** | MINISTRO DE MINAS E ENERGIA

Chefe da pasta vê um caminho aberto para o país ampliar investimentos em fontes renováveis. E confia em nova candidatura de Lula para o Planalto em 2026

# “Somos um celeiro de biocombustíveis”

» DENISE ROTHENBURG  
Enviada especial

**P**aris — O ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, voltou este fim de semana ao Brasil, depois de um périplo pela Europa e Estados Unidos, em busca de investimentos para os biocombustíveis e hidrogênio verde. Nesta entrevista ao **Correio**, feita depois de sua palestra no I Forum Internacional Esfera, na capital francesa, o ministro faz um balanço dessas viagens e comemora: “A vantagem do Brasil é sua diversidade energética”, afirma. A seguir, os principais trechos da entrevista.

**O senhor tem feito um périplo em defesa dos investimentos no Brasil. O que se pode destacar dessas visitas?**

Primeiro, destacar de forma cristalina, muito vigorosa, que o Brasil voltou a dialogar com o mundo globalizado em que nós vivemos, não tem sobrevivência fora do diálogo permanente para estabelecer relações que possam contribuir com a paz e o caminho é a prosperidade. Como faremos isso no Brasil? Atraindo investimentos para gerar oportunidade emprego e renda para a nossa gente. No setor de Minas e Energia, o momento nunca foi tão fértil. O brasileiro vem, há mais de 30 anos, investindo em sustentabilidade. E nós temos que nos orgulhar disso.

**Por que?**

Temos uma matriz de energia elétrica mais limpa e renovável do planeta, 88% da nossa energia, até pelo Brasil ter 11% da água doce do continente. Da nossa energia, 88% é proveniente energia hidrelétrica, da energia fotovoltaica. O Sol que tanto castigou o povo do Nordeste, da região do Jequitinhonha, do Mucuri, do Norte de Minas, hoje é uma grande fonte de energia. Temos mais de 15 gigas da nossa matriz produzidos por energia fotovoltaica. Temos crescido muito na energia eólica, em especial no Nordeste mas também numa parte do Sul do Brasil, que tem potencial mais vigoroso de vento e na biomassa. O Brasil é reconhecido pelo mundo como grande celeiro de alimentos por causa do nosso clima tropical, da nossa água doce, da nossa mão de obra e da nossa extensão territorial. Queremos agora também ser vistos como um grande celeiro de energias limpas e renováveis.

**O que se pretende mostrar?**

E o Brasil tem feito sua parte. Temos o melhor sistema de transmissão do mundo, 180 mil quilômetros de linhas de transmissão no Brasil. Dos 27 estados da federação, num país transcontinental como Brasil, com a nossa dimensão territorial, 26

Antônio Cruz/Agência Brasil



**A grande potencialidade do Brasil é exatamente a sua pluralidade, a sua diversidade energética. Nós temos e somos o grande celeiro dos biocombustíveis”**

são interligados. O exemplo da importância dessa interligação energética é agora, no princípio do ano. Quando estávamos no momento de bonança hídrica, vertendo água em Furnas, Minas Gerais, a água estava sobrando e sendo vertida, jogada fora. Em Itaipu Binacional, começamos a exportar energia hídrica para a Argentina e Uruguai. Mais de 500 milhões foram exportados e isso impactou positivamente a conta de energia do povo brasileiro.

**De que forma o impacto foi positivo?**

É importante destacar, e as pessoas compreenderem, que todos esses avanços do setor de energia do Brasil são pagos pelo consumidor. Portanto, é hora de o consumidor começar, de certa forma, a colher frutos disso. A transição energética será essa oportunidade. Por isso, estamos fazendo esse debate. Estive no Departamento de Energia norte-americano, fiz uma reunião muito produtiva com dezenas de investidores dos Estados Unidos, de todos eles, alguns já investindo no Brasil.

**Que tipo de investidores? Fundos?**

Fundos de investimento e empresas de energia. Há muito interesse em hidrogênio verde, no Ceará; muito interesse no hub de energias eólicas no Rio Grande do Norte. Aqui, em Paris, assinamos R\$ 16 bilhões de contratos de reforço de linha de transmissão do Nordeste. E já está no nosso plano de investimentos leiloarmos mais R\$ 20 bilhões em dezembro e mais R\$ 20 bilhões em março, totalizando R\$ 56 bilhões de

investimento em reforço de transmissão do Nordeste até o Sudeste brasileiro, que é o centro de carga. Para que esses investimentos? Para que nós possamos criar um ambiente favorável a investimentos em eólica, solar e biomassa no Norte e no Nordeste. Com isso, acreditamos que vamos nos tornar cada vez mais competitivos na nossa indústria e, a médio prazo, exportar sustentabilidade.

**Como isso beneficia o cidadão comum?**

Há, para nós, do governo Lula, uma obviedade muito grande. A única forma de se combater as latentes desigualdades no Brasil, de forma sólida e consistente, além dos programas sociais fundamentais, é gerando emprego e renda de qualidade. E nós vamos fazer isso tornando nossa economia vigorosa. O Ministério de Minas e Energia preparou um conjunto de políticas públicas, como o projeto de lei combustível do futuro, o das linhas de transmissão e da mudança da política de preços da Petrobras.

**Antes de concluir a transição energética, o Brasil tem, na ordem do dia, a exploração de petróleo na Margem Equatorial. Isso não é um contrassenso?**

A primeira grande pergunta que me fazem nos países que não têm potencialidade de exploração de óleo, como é o caso da França, é como que o Brasil se coloca como protagonista da transição energética e, ao mesmo tempo, defende a exploração de petróleo? A minha resposta é muito objetiva. A grande potencialidade do Brasil é exatamente a sua pluralidade, a sua

diversidade energética. Nós temos e somos o grande celeiro dos biocombustíveis.

**E aí coloca essa questão da exploração na Margem Equatorial em segundo ou terceiro plano?**

Não. Por que não podemos colocar em segundo plano? Porque há uma clareza muito grande no mundo que o petróleo ainda é uma fonte energética importante, inclusive para financiar a própria transição energética. Nós não podemos buscar o discurso politicamente adequado e deixar de fazer o que é certo economicamente para o Brasil. O petróleo ainda é uma fonte de financiamento através do fundo social, inclusive de saúde e de educação. Como é que nós vamos abrir mão dele? Qual seria o motivo de nós abrimos mão de fontes energéticas, desde que exploradas adequadamente? O que não transigiremos é em fazer ambientalmente correto.

**O senhor, recentemente, se referiu a uma candidatura à reeleição do presidente Lula. Isso já está fechado?**

O presidente Lula é o líder certo, no lugar certo, na hora certa. Tenho convicção de que, em 2026, vamos chegar em condições de o presidente Lula se colocar, mais uma vez, disposto a servir à democracia e à gestão pública, como o grande líder que é.

**O senhor vai ser candidato a governador?**

Estou completamente entusiasmado com a missão que me foi incumbida pelo presidente Lula, de dialogar com mundo. Estou extremamente feliz e alegre, mas ao mesmo tempo e proporcionalmente a essa alegria, com a dimensão da responsabilidade que é ser ministro de Minas e Energia de um país como Brasil. Então, respondendo, sem excesso de mineiridade, sou daqueles, e pratico isso na minha vida, que é “a cada dia basta o seu cuidado”.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br

## Quando os fatos mudam na atual desordem mundial

Argentina, Egito, Etiópia, Gana, Quênia, Paquistão, Sri Lanka, Tunísia, Ucrânia e Zâmbia estão à beira ou já entraram em inadimplência. Não podem contar com mais ajuda internacional, inclusive a Ucrânia, porque a economia global enfrenta grandes incertezas, em razão de dois fatores, principalmente: o primeiro, de natureza objetiva, as mudanças climáticas; o segundo, de características subjetivas, o fracasso da ideia de um mundo unipolar, sob hegemonia norte-americana, capaz de impor a paz mundial. A crise na Faixa de Gaza e a guerra da Ucrânia são sintomas mórbidos e patológicos desse cenário em mudança, que não se sabe ainda para onde. Com certeza, não é para onde estamos indo, apesar das nossas vãs expectativas de que a revolução tecnológica resolveria os principais problemas civilizatórios.

Mais ou menos como aconteceu com a Liga das Nações, entre a Primeira e a Segunda Grandes Guerras, a decadência dos atuais mecanismos de governança global pode se tornar irreversível. A Organização das Nações Unidas, desde quando os Estados Unidos decidiram assumir o papel de xerife do mundo, passou a ter um papel de segundo plano nos conflitos regionais. Seu Conselho de Segurança se tornou o palco da “nova guerra fria” entre o Ocidente e o Oriente, polarizados pelos Estados Unidos e a União Europeia, de um lado, a China e a Rússia de outro. Conflitos que poderiam ser resolvidos num ambiente de cooperação entre essas potências estão sendo acirrados e saem de controle, como aconteceu na Ucrânia e, agora, se repete na Faixa de Gaza.

A propósito, a ação de Israel na retaliação ao ataque terrorista do Hamas ao seu território tem muita semelhança com a bagunça criada pelos Estados Unidos no Oriente Médio após o 11 de setembro, principalmente depois da invasão do Iraque. Nesse ambiente político, as previsões do FMI sobre a economia global são péssimas. Sem um ambiente de cooperação, os países dependentes em maiores dificuldades não terão a menor chance de retornar o caminho da estabilidade econômica e do crescimento. E os países desenvolvidos acabarão pagando um preço pelo caos que está se criando na ordem internacional, cujo sistema monetário está se fragilizando pela perda de blindagem política universal.

Na década de 1930, em cenário muito parecido, o resultado foi a ascensão do fascismo na Itália, Alemanha e alguns países do Leste Europeu, a Guerra Civil espanhola e, longo a seguir, a expansão militar nazista na Europa Ocidental e o ataque do Japão aos Estados Unidos, em busca do controle sobre os países do Pacífico.

### Palavras mágicas

Globalização, liberalização do mercado, desregulamentação, privatização e fluxos de capital eram palavras mágicas para superação dos desafios do século 21, no qual a economia do conhecimento seria a chave para resolver todos os problemas da humanidade. Até a hora em que a China, com seu modelo híbrido de capitalismo estado moderno e ditadura de partido único, pôs em xeque a hegemonia norte-americana no comércio global. Emprego, bem-estar social, acesso à tecnologia, reindustrialização, mudanças climáticas, guerra comercial, nova corrida armamentista e guerra de verdade passaram a ser as palavras mais usadas do vocabulário das relações internacionais, inclusive no coração da Europa.

Nos encontros do Fórum Econômico Mundial, executivos e autoridades econômicas buscam soluções para os problemas globais, que possam ser lideradas pelas grandes corporações, a partir de um compromisso com a sustentabilidade, a boa governança e a transparência. Mas a realidade da reestruturação das cadeias globais de valor, consequência da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, frustram a transposição desses compromissos adotados pelas corporações mais modernas para todo o universo da economia global.

O falecido historiador britânico Tony Judt, que lecionou em Cambridge, Oxford, Berkeley e New York University, inspirou-se em John Maynard Keynes para escrever a coletânea de ensaios *Quando os fatos mudam* (Objetiva), cujo título tomamos emprestado. A frase completa é: “Quando os fatos mudam, eu mudo de opinião. E o senhor, o que faz?” São artigos e ensaios copilados por sua viúva, a historiadora Jennifer Homans. Judt faleceu em 2010, aos 62 anos, como um dos maiores intérpretes do século 20, com destaque para o monumental *Pós-guerra. Uma História da Europa desde 1945*.

A maioria dos temas que abordou tem impressionante atualidade. Os textos sobre Israel, o Holocausto e os judeus somam oito capítulos, dois dos quais muito polêmicos: *A alternativa e Israel precisa repensar seu mito étnico*. Também são instigantes os que tratam do 11 de setembro e a Nova Ordem Mundial, entre os quais *O antiamericanismo no exterior*, *A Nova Ordem Mundial* e *Existe um futuro para a ONU*.

Para Judt, em 2005, quando publicou *A Nova Ordem Mundial*, no *New York Review of Books*, a era das intervenções internacionais consensuais já estava se encerrando. Não é à toa que o Conselho de Segurança da ONU tenha tanta dificuldade para resolver os conflitos atuais, que sempre envolvem interesses econômicos e políticos da China, dos Estados Unidos, da França, do Reino Unido e da Rússia, países com poder de veto no organismo criado para a garantir a paz.

A aposta do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no multilateralismo, em busca de mais protagonismo internacional, ganhou mais relevância nessa crise de Gaza, uma vez que o Brasil ocupa a presidência provisória do Conselho de Segurança da ONU. Lula vem sendo uma luz na escuridão da crise da faixa de Gaza, mas seu sucesso precisa de as potências retornarem ao leito da cooperação e da busca pela paz. Quicá caia a ficha de que o conflito na Faixa de Gaza não terá solução enquanto Israel ocupar e colonizar os territórios palestinos.



## Novo Skate Park da Octogonal. Mais esporte e lazer para os jovens do DF.

O GDF concluiu o Parque da Octogonal, que possui uma pista de 1.500 m<sup>2</sup> de padrão internacional para a prática do skate. A obra irá colocar o DF no circuito nacional do esporte, além de trazer mais uma opção de lazer para a região. Por onde você vê, tem melhoria nas cidades de todo o DF.

